

“Tradition and Heritage in the Contemporary Image of the City”

**INTBAU – POLAND
KRAKOW, MAY, 2014**

“THE VERNACULAR ARCHITECTURE OF PORTUGUESE ALENTEJO TOWNS AND VILLAGES A METHODOLOGICAL AND OPERATIVE STUDY”

**JOSÉ BAGANHA
ARCHITECT**

Esta comunicação surge no seguimento do ensaio subordinado ao tema “Arquitetura Popular nos Povoados do Alentejo”, levado a cabo no âmbito de um doutoramento que completei, no Departamento de Arquitetura da Universidade do País Basco.

Neste ensaio, aprofundaram-se os conhecimentos sobre a matéria de estudo, na senda de uma melhor, mais completa e fundamentada compreensão da singularidade dos povoados do Alentejo, da sua morfologia urbana e da sua arquitetura de raiz popular, nos seus vários aspetos e nas suas várias expressões, de lugar para lugar, com diversidades por vezes muito subtis mas também muito interessantes, e ainda a relação ou interdependência do espaço construído do espaço livre - de dependência recíproca ou relação indissociável esta que forma um todo coerente e singular.

Durante esta apresentação, tentarei resumir as matérias do estudo que estão organizadas do modo que vos exponho neste índice e, dado que disponho de muita informação e que, infelizmente, não tenho tempo para falar de tudo, apresentarei capítulos inteiros apenas em título.

O objetivo aqui contido, neste estudo, é o de usar toda a singularidade cultural, o manancial riquíssimo, a qualidade do espaço dos povoados do Alentejo, nas intervenções que hoje fazemos nessas aldeias, nos montes, nas cidades, a nível urbanístico ou arquitetónico, com uma abordagem culta, nova, sem preconceito ideológico, mas profundamente ecológica.

Trata-se, portanto, de um trabalho com claros objetivos operativos, um estudo metodológico, se quisermos, e não de um mero rol ou levantamento exaustivo, de tom saudosista ou melancólico, para “arrumar” ou “guardar” museologicamente certos lugares, mais preservados, despojando-os, muitas vezes, de vida própria e de sentido de existir.

Perante um cenário mais ou menos previsível, e bastante provável, de descaracterização e desqualificação ambiental que os fenómenos da globalização e do turismo de massas poderão vir a gerar nesta região, como noutras do sul da Europa, parece evidente, e até urgente, que se possam encontrar soluções que permitam viabilizar novos investimentos e gerar mais bem estar para as populações locais, sem que isso implique necessariamente, perda de identidade.

É também nesta perspetiva operativa, dinâmica e não estática ou museológica, que me propus empreender este estudo.

É hoje aliás universalmente aceite que a Cidade (no sentido mais lato do termo) constitui o tema nº 1 no que diz respeito à sustentabilidade ambiental. A cidade é a base dos três pilares do desenvolvimento sustentável – o físico, o ambiental e o económico. Há portanto que estudar a sua forma, a sua estrutura, de região para região, atendendo aos aspetos particulares.

E isso passa – não há dúvida – também, por uma cidade mais humanizada, por intervenções mais sustentáveis no domínio do urbano, da arquitetura e da construção, procurando aquelas soluções, por vezes tão simples, que sempre estiveram ao nosso alcance, que parece pertencerem a um determinado lugar e a nenhum outro, como que “brotando da terra”.

METODOLOGIA

Para levar a cabo esta tarefa, adotei um conceito geográfico de região, ao invés de uma delimitação meramente administrativa, mais concretamente, a divisão geográfica definida pelo Prof. Amorim Girão, citada ou incluída na magnífica obra que constitui o “Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal”.

Em cada região, selecionei, entre as várias povoações visitadas, as que me pareceram mais representativas da respetiva especificidade ou singularidade e que aqui se assinalam.

Existem diversas abordagens do estudo da cidade – a económica, a histórica, etc... - e são todas importantíssimas, no entanto, a mim, interessa-me estudar a sua forma.

Delimitadas as sub-regiões e identificados os casos de estudo mais significativos, houve naturalmente que percorrer estes lugares, fotografando, desenhando (como neste desenho de estudo que fiz em Évora), recolhendo informação, tentando compreender a gente que povoa o Alentejo, os seus hábitos, as suas histórias.

Neste trabalho de recolha, de análise, vão-se observando igualmente as intervenções mais recentes. E, entre estas, encontramos, geralmente, dois tipos:

- As obras projetadas por arquitetos ou engenheiros:
 - Como esta que aqui se apresenta, de uma intervenção da Administração Central do Estado Português em Vila Viçosa, nos anos 40 do Sec. XX, em que se destrui uma parte significativa do seu centro histórico para abrir uma alameda monumental rematada pelo castelo;
 - Ou a de uma intervenção “minimalista” no rossio de Arraiolos, promovida pelo município, para conseguir um parque de estacionamento subterrâneo.
- E também as obras de natureza espontânea.

Naturalmente, este trabalho não poderia estar completo sem o estudo de outros ensaios e de material diverso – iconográfico – sobre a matéria

DESCRIÇÃO GERAL DO TERRITÓRIO

Neste ensaio apresento uma análise histórica e geográfica do território alentejano por forma a contextualizar e compreender melhor as formas urbanas e arquitetónicas dos seus povoados. Infelizmente, não temos tempo para desenvolver esta temática, que é de estudo indispensável para melhor compreender as singularidades urbanas e arquitetónicas desta região.

Assim, estudou-se a História e também, a geografia:

- A sua paisagem natural;
- A geologia;
- Os rios do Alentejo;
- O clima;
- A vegetação;
- etc..

E também a Paisagem Urbana.

De qualquer modo, e apesar de termos pouco tempo, parece-me indispensável mencionar alguns aspetos mais importantes, ou determinantes, da paisagem urbana do Alentejo.

De facto, a região constitui, no contexto do urbanismo e da arquitetura vernácula, em Portugal, um território singular, no qual o tempo soube preservar, de forma bastante significativa, a autenticidade das suas expressões formais urbanas e construtivas.

De uma forma, ou num processo, que se poderia classificar como espontâneo, inato, as gentes do Alentejo têm demonstrado uma sabedoria que provem da tradição, na sua verdadeira e única dimensão, isto é: a que não exclui a inovação, a evolução.

Com este exemplo de Marvão – no Norte do Alentejo -, poderemos enumerar algumas das características comuns dos povoados das várias sub-regiões – o denominador comum – digamos assim:

- A concentração do casario em assentamentos bem delimitados e densos;
- Uma definição nítida dos volumes – volumes simples e muito precisos;
- A horizontalidade é dominante, num jogo de volumes em que cada parte é indispensável no todo;

Aqui o mesmo povoado – Marvão – visto de cima – em que resulta muito evidente a concentração e demais características enunciadas anteriormente e que também podemos comprovar nestas imagens de Evoramonte e de Mértola. E é esta singularidade que nos atrai, é esta qualidade urbana que reconhecemos e que motivou também, em grande parte, este estudo.

No capítulo seguinte deste trabalho, analisam-se as TIPOLOGIAS URBANAS E ARQUITETONICAS/CONSTRUTIVAS. Hoje deter-nos-emos mais nas TIPOLOGIAS URBANAS e na sua ANÁLISE MORFOLOGICA.

Começando por estudar a FORMAÇÃO DOS TECIDOS URBANOS – A SUA EVOLUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO.

Tomando como exemplo a cidade de Évora, e extrapolando para a generalidade dos povoados da região, constata-se que o núcleo central destes povoados se forma com a cidade romana – “*ex novo*” ou ocupando antigos castros – e segue pela época medieval, transcendendo as muralhas, o “*limes*”, formando novos núcleos ou seguindo as vias principais, repetindo as tipologias urbanas e arquitetónicas do núcleo original, até que se adquire a sua forma definitiva nos sec.^{os} XVI e XVII, com novas muralhas.

Também em Vila Viçosa o processo é muito idêntico e ilustro aqui o desenvolvimento do seu ensanche, até à forma consolidada do seu centro histórico atual.

Mas, a par da sua expansão e consolidação, também se assiste ao seu declínio e abandono.

A título de exemplo deste fenómeno, menciono aqui os casos de Montemor-o-Novo, em que o burgo se trasladou, digamos assim, para mais abaixo, para junto da nova via de comunicação;

Ou o de Juromenha, que simplesmente foi sendo abandonada.

Entre outros exemplos que aqui poderia apresentar.

E, até ao sec. XIX, como o liberalismo, a extinção das ordens religiosas e a Regeneração, na 2ª metade do século, nada de significativo se assinala neste povoados. Nesta época, destacou-se mais a cidade burguesa – de uma classe em ascensão – com as suas infraestruturas públicas, os jardins públicos, os quartéis, as bibliotecas ou os tribunais, entre outros.

Há que mencionar também as intervenções públicas do sec. XX. De facto, e desde a década de 40 desse século, as cidades e os povoados do país foram objeto de intervenções diversas. Numa 1ª fase, de uma campanha de “melhoramentos” do património arquitetónico mais “monumental”, digamos assim, como foi o caso da intervenção em Vila Viçosa de que falei anteriormente.

Depois desta campanha, teve lugar a construção de tribunais, bibliotecas, museus e outros edifícios institucionais – como estes que aqui vemos, da biblioteca de Fronteira – ou o de uma agência bancária no Alandroal -, com um resultado muitas vezes de gosto duvidoso e com efeitos devastadores na qualidade dos espaços urbanos em que foram construídos.

E isto aplica-se tanto a edifícios como a supostos ou pretensos “arranjos” de espaços exteriores, como praças ou largos, com soluções muito impositivas, numa vontade clara de afirmação da parte dos seus autores e/ou dos seus promotores.

Os espaços exteriores

Os espaços exteriores complementam o edificado e, ambos, no seu conjunto indissociavelmente, contribuem para a identidade ou singularidade do local.

Nos povoados do Alentejo, encontramos espaços que “encaixam” no conceito de praça, tal como hoje o identificamos – lugar de recreio público, adequado à convivência e a realização do mais variado conjunto de manifestações cívicas – sociais e religiosas.

A análise morfológica dos aglomerados populacionais permite evidenciar esta relação edificado - vazio, nas ruas, por exemplo mas também no conjunto dos espaços exteriores privados – pátios e áreas comuns adjacentes aos edifícios – quase sempre de dimensões reduzidas, podemos adicionar as hortas

urbanas. Se os primeiros se encontram disseminados pelo tecido urbano, estas situam-se predominantemente na periferia dos aglomerados (existindo ou não muralhas), quase sempre limitadas por muros que contêm muitas vezes, também, pequenos pomares de citrinos, o que contribuiu para conter a dispersão urbana.

Equipamento e mobiliário urbano

O aspeto sóbrio, de um certo “minimalismo”, que caracteriza estes povoados, manifesta-se também nas suas ruas e praças, e o mobiliário urbano participa desta sobriedade.

Como elementos principais, temos:

- Chafarizes;
- Fontes;
- Fontanários;
- Bebedouros;
- Bancos;
- Pelourinhos;
- Alegretes e Floreiras;
- Tanques;

Estrutura funcional

Mas os povoados do Alentejo são também estruturas funcionais diversificadas. De facto, para além das habitações, estes aglomerados, contêm também os espaços destinados ao comércio, os espaços culturais – museus, teatros, cinemas, etc. – e de culto religioso, e também os de uso mais institucional – câmaras municipais, quartéis, tribunais, entre outros – e os da indústria ligeira, artesanal e oficinas – como as que aqui se vêem neste desenho que fiz, de uma rua em Vila Viçosa.

Esta diversidade de usos é tão maior quanto maiores são também as dimensões do povoado e da respetiva povoação.

Os usos mais dedicados ao comércio tendem a concentrar-se nas áreas mais centrais dos povoados, tal como os institucionais mais importantes e, em muitos casos, continuam a realizar-se feiras nas praças mais importantes – nos *rossios*.

Analisam-se também as intervenções de maior escala de reabilitação urbana que marcam agora o nosso tempo

Tipologias Arquitetónicas / Construtivas

Neste ensaio inclui-se uma análise detalhada destas tipologias e constata-se que a divisão por sub-regiões, adotada para efeitos de sistematização, não impede que se manifeste claramente um traço comum, uma imagem comum na arquitetura vernácula desta região do país.

Desta análise tipológica – que não cabe agora aqui desenvolver – resulta evidente que uma das características principais destes edifícios é, precisamente, a de uma forte presença da arquitetura de raiz popular rural.

Na sua origem, a habitação vernácula, anónima, dos povoados do Alentejo, copia a casa rural dos montes da região – como estas que aqui vemos na herdade de Torre de Palma, perto de Fronteira (agora adaptada a hotel de luxo) – e adapta-se à morfologia do terreno e à exiguidade do espaço intramuros.

A simplicidade e a excelente adaptação às contrariedades do clima destes modelos rurais, são importados para as aldeias e vilas e dão origem aos tipos novos, diversificados, mas com características comuns, que, de região para região, podemos identificar nos seus aspetos principais e de que aqui mostro alguns exemplos, de entre os muitos que fotografei ou desenhei.

A análise aborda os aspetos de composição e todos os demais que caracterizam estas arquiteturas, bem como os processos e materiais construtivos que contribuem fortemente para esta singularidade tipológica.

CONCLUSÃO

Em jeito de síntese, parece-me que poderei concluir destacando que a concentração urbana se afigura como uma solução mais adequada do que a dispersão e que esta última deverá ser, na medida do possível, obstaculizada. Neste contexto, resulta também evidente a necessidade de respeitar as relações de cheio – vazio, do espaço construído com o espaço livre – seja este público ou privado, incluindo as relações de largura de ruas com as cérceas dominantes, a existência de hortas e pomares, incluindo ruas estreitas, rossios, praças e outros espaços públicos.

Há que saber extrair das experiências do passado tudo aquilo que nos possa ser benéfico hoje e no futuro, numa perspetiva sem compromisso, assumindo espírito de descoberta, criatividade e inovação à sabedoria ancestral, buscando uma síntese nova, verdadeiramente adequada ao meio em que vivemos e intervimos, tanto nos aspetos ambientais como nos culturais e socioeconómicos, conjugando os léxicos compositivos e as tipologias tradicionais com modos de vida contemporâneos, contribuindo assim também para esse propósito de proteção, de preservação e de afirmação de identidades locais.

Teremos também que ser capazes de adotar e promover as indústrias e ofícios tradicionais renovados e os equilíbrios do comércio de proximidade com os bairros em que predomina a habitação e com a adequada distribuição dos serviços públicos.

Desta investigação posso concluir também que, mesmo tendo em conta o passar dos séculos e apesar de todas as vicissitudes de abandonos e mudanças, estes povoados e estas arquiteturas resistem e preservam as suas extraordinárias qualidades, com uma resiliência que permite a sua reabilitação ou seu «renascimento» numa nova era, plena de paz e harmonia.